

Opção por algo maior

STEFAŃ SAŁĘJ BODGAN*

Economia
Brasil

O tema dominante nas conversas e análises dos *experts* internacionais a respeito do Brasil e seu futuro é como vamos segurar a estabilidade econômica. Há mais gente acreditando em nosso fracasso do que no sucesso. E mesmo os otimistas advertem que o Plano Real só dará certo com cortes significativos nos custos e déficits e se promover reformas em sintonia com as mudanças da economia mundial.

Em face de uma série de fatores, entre os quais o desinteresse da sociedade de políticos profissionais por reformas cujo alcance não se dará no horizonte particular de seus objetivos eleitorais, as mudanças não são feitas com profundidade que garanta a estabilidade e o desenvolvimento. Nesse quadro, qual o horizonte econômico e social do Brasil para os próximos 20 anos?

Primeiro, precisamos indagar se temos horizonte para um futuro de prazo mais curto. E, segundo, se ele está apresentado bem claramente como o de um país desenvolvido ou não.

Se a opção for por um país medíocre, sempre sonhando com um futuro brilhante, mas não realizado, nem a catástrofe nuclear sobre o resto do planeta melhora a posição do Brasil. E se voltar o tempo da inflação e não acharmos o caminho do

desenvolvimento, será bom aceitarmos a oferta canadense, de mudarmos para aquela parte da América do Norte. E vamos já.

Não há a mínima condição racional, dentro da nova ordem econômica, de chegarmos ao estágio superior se o plano de estabilidade não inclui na sua trajetória levar o País a uma permanente administração eficaz de variáveis econômicas.

Se aceito o desafio das reformas, até aqui evitado pela sociedade dos profissionais da política, o país terá um estágio de sacrifício temporário, mas com a garantia posterior da continuidade de uma ação estabilizadora. Optando por esse caminho, teremos chances de melhorias na distribuição da renda e de chegar a um desenvolvimento mais satisfatório. E, também, a opção por melhores indicadores sociais, hoje uma vergonha nacional. E, quem sabe, signifique ainda níveis mais satisfatórios de empregos e salários, a partir de resultados e produtividade que assegurem competitividade.

Não há, nestes dias, dúvidas para o Brasil. As opções estão postas de forma clara e cristalina.

Então, para atingirmos os objetivos representados na segunda opção, temos de assumir a premissa da estabilidade política. E isso passa, necessariamente, para lembrar frases dos próprios políticos: "... Passa por Minas", e pelas reformas, que de-

31 DEZ 1996
JORNAL DO BRASIL

vem varrer o Brasil do Oiapoque ao Chuí.

Sem a estabilidade política, não haverá estabilidade econômica. São raros os casos de estabilidade governamental aliada a estabilidade ou crescimento econômico, que, em nossos dias, só se permitem em nações sob o regime parlamentarista, mas dentro de um arcabouço institucional e constitucionalmente forte. Além disso, são países, no geral, de um conjunto político e econômico de povos menos vulneráveis do que nós, brasileiros.

A proposta da reeleição do presidente da República está no divisor desse Brasil - do que sempre estará em busca do futuro brilhante e daquele que fez, em definitivo, a opção por ele.

A opção, independente da sociedade política, é por algo maior. Maior do que a sociedade dos políticos. E aí vem a questão básica: quanto uma parcela dessa sociedade, que nos representa, pode cobrar para o nosso arcabouço de estabilidade? Vai existir uma conta a pagar e ela até que faz parte do "jogo democrático". Mas vamos dar conta de pagá-la?

Essa conta tem claros contornos pessoais e interesseiros. Portanto cuidado. Estabilidade a qualquer preço, sim. Mas quem cobrar, pagará a conta!

* Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais.